

Título Essa parada do corpo
Data 21 de Agosto de 2026
Evento FDAG 25 anos

Autor Juliana Monachesi
Artista Efrain Almeida | Ernesto Neto
Publicação Celeste

REPORTAGEM

SÃO PAULO

ESSA PARADA
DO CORPO

84

**Fortes D'Aloia & Gabriel
celebra 25 anos com Efrain
Almeida e Ernesto Neto em
duas exposições que refundam
o Brasil moderno**

JULIANA MONACHESI

A primeira exposição póstuma de Efrain Almeida e uma mostra que apresenta um novo e inédito corpo de trabalhos de Ernesto Neto. Coisa de uma vez na vida, né? Pois esse é o conteúdo que aguarda o visitante na FDAG Barra Funda a partir do dia 22/8, em comemoração dos 25 anos da galeria e como auspicioso preâmbulo das próximas décadas.

Nas esculturas delicadamente talhadas em umburana ou cedro, que representam a fauna e a flora do sertão do Cariri, Almeida inscreve seu léxico de identidades, solidão, intimidade e sabedoria. Com as obras em crochê tecidas em algodão cru por artesãs colaboradoras de Neto, em formas orgânicas modulares subindo pelas paredes, o artista plasma a força vital da natureza. Esses corpos esculpidos por Efrain e por Neto restituem os corpos reais da vida vivida nessas nossas latitudes.

São artistas do fluxo e não do paradoxo. Tomo emprestada a definição de Márcia Fortes, que assina a curadoria da mostra de Efrain Almeida, como síntese das duas exposições. Desenvolvido para abarcar uma pesquisa de mais de 30 anos do artista cearense, de quem a galerista era muito próxima, o conceito se aplica muito bem às práticas de Neto e, possivelmente, a diversos artistas da galeria.

O conceito também explica a própria decisão de assumir, pela primeira vez em 25 anos, a curadoria de uma mostra. Em agosto de 2001, Márcia Fortes fundou, com Alessandra D'Aloia, a galeria que nasceu como continuidade e ruptura do projeto de Marcantonio Vilaça, morto trágica e prematuramente em 31 de dezembro de 1999. Fortes era colaboradora do

galerista, realizando exposições a partir de Nova York, onde viveu por 12 anos. Entre as curadorias que fez para a Camargo Vilaça, destaca-se *Hanging* (1998), que trouxe a São Paulo nomes proeminentes da pintura internacional, como Franz Ackermann e Hiroshi Sugito, representado até hoje pela FDAG.

Márcia e Alessandra tinham, à época, o desafio de continuar trabalhando na internacionalização da arte brasileira, grande legado de Marcantonio, que teve papel central na difusão e circulação da arte de Ernesto Neto, Adriana Varejão e Beatriz Milhazes pelo mundo. A tríade era representada desde 1993 pela galeria e seguiu com as novas sócias. Efrain Almeida também fazia parte do time, e coube a ele estreitar o novo programa, num aceno ao protagonismo da arte nacional.

Hoje, 25 anos depois da mostra inaugural, o artista ganha uma retrospectiva organizada dois anos após a sua morte. “A obra do Efrain não está contida em um modo único de funcionamento, ela sempre foi híbrida, não binária, não polarizada”, afirma Fortes. Para lançar luz sobre a complexidade da produção, a curadora optou por não incluir esculturas de beija-flor, espécie de marca registrada do artista. A exposição reúne trabalhos autobiográficos, autorretratos, além de icônicas esculturas representando dádivas, como aquela das mãos de madeira segurando um pequeno vestido de veludo.

“O beija-flor é a grande analogia existencial da obra dele, esse pássaro que consegue ficar parado no ar, mensageiro do céu, símbolo de sorte, cura, presságio”, prossegue. “O aspecto adocicado desses trabalhos é apenas a primeira camada; há todo um universo queer, questões da identidade, da intimidade e da espiritualidade, há algo de perverso também nas suas obras. A exposição pretende apresentá-lo de forma holística.”

Na sala contígua da FDAG Barra Funda, os seres sinuosos de Ernesto Neto surgem subindo pelas paredes, encenando uma conexão entre a terra e o ar, que amplifica o *continuum* da troca entre o fogo e a água que já alimentava a pesquisa do artista. A imagem do beijo entre o Sol (fogo) e a Terra (dos lençóis freáticos) data da exposição *Dengo* (2010), no MAM São Paulo, quando Neto teve essa visão da planta como um ser que busca a luz, estendendo-se na direção do Sol, e a escuridão, alongando-se até o mais profundo da terra em busca de água.

Da dengosa fertilização do mundo, desembocamos agora nesse habitat de seres se espreguiçando e se espalhando pela simples vontade de viver. As cosmogonias que habitam todos os corpos escultóricos, objetuais ou instalativos de Ernesto Neto são híbridos de ancestralidades que o artista convoca para expressar o que significa ser brasileiro. “Nós não somos ocidentais. Na Europa ninguém nos considera ocidentais. Eles dizem que no Brasil tem ‘essa coisa do corpo’, que fez a gente ser diferente. Os Estados Unidos, sim, são parte do Ocidente, porque ali não rolou a ‘parada do corpo’. Ou seja, lá não teve mistura, aqui teve. A cultura afro, a música brasileira, as sabedorias indígenas são nossa força motriz. E é intelectualmente libertador não ser ocidental”, resume. ■

Espectador (Com as Mãos para Trás), 2014, de Efrain Almeida

Título Essa parada do corpo
Data 21 de Agosto de 2026
Evento FDAG 25 anos

Autor Juliana Monachesi
Artista Efrain Almeida | Ernesto Neto
Publicação Celeste

85

